

Jogos Paraolímpicos Rio 2016



É preciso fundamentalmente aproveitar o advento dos Jogos para implementar no Brasil uma cultura esportiva, de prática de atividade física, não somente de olho nas medalhas, mas na integração, educação e inclusão social.

Andrew Parsons



Não tem muito tempo que o esporte paraolímpico era desconhecido por grande parte da sociedade. Basquetebol e Tênis em Cadeira de Rodas e Futebol de Cinco eram modalidades que sequer passavam pela cabeça dos brasileiros. Porém, de uns anos para cá, o país passou a acompanhar e torcer de perto por essa versão dos tradicionais Jogos Olímpicos, só que para pessoas com deficiência – mais precisamente em Atenas (2004), quando os Jogos Paraolímpicos foram transmitidos pela primeira vez para o Brasil.

Porém, foi no Parapan no Rio de Janeiro, em 2007, que os brasileiros se encantaram com a superação e determinação dos atletas. Se o evento foi um sucesso, o que dizer dos Jogos Paraolímpicos, que o país sediará pela primeira vez em 2016. Para o presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), Andrew Parsons, é uma excelente oportunidade para chamar a atenção da sociedade quanto às pessoas com deficiência.

“O maior legado que os Jogos Paraolímpicos podem deixar em 2016 é uma visão diferente no que diz respeito às pessoas com deficiência”, diz Parsons, ressaltando a importância do esporte como elemento transformador, capaz de promover mudanças na relação entre os povos. “Eu sempre digo que o esporte, apesar de não ser um remédio para todos os males, tem um potencial de transformação, de mudar as perspectivas das pessoas”.

Ainda nesta linha de raciocínio, o presidente do CPB afirma que é preciso aproveitar a magnitude desse megaevento esportivo para direcionar as ações de modo que a juventude seja a maior beneficiada.

“Nós temos que focar muito nas crianças e adolescentes para que elas já cresçam imbuídas de uma visão diferente a respeito da pessoa com deficiência. Se a gente não tiver programas educacionais direcionados à juventude, vamos perder a possibilidade de mudar a mentalidade do país”.

Grande defensor da Educação Física nas escolas – o CPB possui, inclusive, alguns projetos específicos nesta área –, Andrew Parsons ressalta a importância do Profissional de Educação Física, que, segundo ele, possui papel fundamental junto às pessoas com deficiência.

Para nós, do segmento paraolímpico, os Profissionais de Educação Física são os grandes multiplicadores dos conhecimentos e dessa visão diferente a respeito da pessoa com deficiência. Nesse caso, o Profissional possui quase que uma função social.

Andrew Parsons

No entanto, Parsons faz um alerta quanto à formação dos Profissionais pelas escolas de Educação Física do país. Para ele, muitas vezes o graduando chega ao mercado sem um conhecimento mais aprofundado sobre como trabalhar com a pessoa com deficiência, de modo que a inclua, por exemplo, em uma aula de Educação Física.

“Algumas vezes, a pessoa com deficiência acaba encontrando tarde demais a orientação adequada, no seu clube ou na sua associação. E aí ela passou a infância sem a atividade física e perdeu muitos estímulos que eram necessários naquela fase da vida. Mas acredito que estamos avançando muito neste sentido”, diz.

Para Andrew Parsons, sem dúvida, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos são uma grande oportunidade para engajar o jovem, mudar o país e, desta forma, promover a transformação necessária para o crescimento da nação em cultura, educação e inclusão social.

“Precisamos mostrar que o esporte é uma opção não só para o grande campeão, medalhista olímpico, mas para o grande campeão da vida. Os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos têm que ser uma oportunidade para a transformação social”. 



Precisamos mostrar que o esporte é uma opção não só para o grande campeão, medalhista olímpico, mas para o grande campeão da vida...

Andrew Parsons